

A AULA DE CAMPO COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM: Diálogo entre Geografia e Museus

THE FIELD CLASS AS A FACILITATOR OF LEARNING: Dialogue between Geography and Museums

Gerliane Déborah Rodrigues Lima¹
Cleire Lima da Costa Falcão²

¹ Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: gerliane.rodrigues@aluno.uece.br

² Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: cleire.falcao@uece.br

RESUMO: Despertar o interesse dos estudantes para o conhecimento geográfico não é tarefa fácil para o corpo docente, sendo a metodologia monótona do ensino, uma das grandes causas dessa problemática. Sob essa perspectiva, a aula de campo surge como um caminho metodológico fundamental para contornar tal situação, sendo vista como um método facilitador da aprendizagem. Nesse sentido, a aula fora da escola tende a auxiliar a construção do conhecimento geográfico, portanto, o presente artigo visa evidenciar o potencial pedagógico das aulas de campo em museus na contribuição do processo de ensino e aprendizagem da disciplina de geografia no ensino básico.

Palavras-chave: Metodologias. Ensino. Conhecimento geográfico. Espaços museológicos.

ABSTRACT: Awakening the interest of students in geographical knowledge is not an easy task for the faculty, and the monotonous teaching methodology is one of the great causes of this problem. From this perspective, the field class emerges as a fundamental methodological path to overcome this situation, being seen as a method that facilitates learning. In this sense, the out-of-school class tends to help the construction of geographical knowledge, therefore, this article aims to highlight the pedagogical potential of field classes in museums in the contribution of the teaching and learning process of the discipline of geography in basic education.

Keywords: Methodologies. Teaching. Geographical knowledge. Museum spaces.

Sumário: Introdução – 1 Museus, de onde e para que? – 2 Geografia e museus, uma parceria necessária – 3 Espaços museológicos em Fortaleza/CE – Considerações – Referências.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem é complexo e diverso, ou seja, não existe fórmula ou receita perfeita que atenda todas às demandas, considerando que toda aula tem suas próprias características. Entretanto, há algo em comum entre muitos estudantes, o desinteresse pela ciência geográfica. O geógrafo francês, Yves Lacoste, por meio de crítica radical à Geografia Tradicional em sua obra 'Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra', constata que, para o senso comum, a Geografia não passa de "uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria fornecer elementos de uma descrição do mundo, numa certa concepção 'desinteressada' da cultura dita geral" (LACOSTE, 2009, p. 21).

A metodologia monótona do ensino da Geografia aplicada nas escolas brasileiras, gera nos discentes, dificuldades em aprender essa disciplina. É comum o desinteresse pela ciência geográfica que, tem como uma de suas causas,

a falta de entusiasmo do professor e a dificuldade de tratar os conteúdos de forma dinâmica, contribuindo para tornar a aula enfadonha, chata e rotineira, levando os alunos a se desinteressarem e perderem o gosto pela geografia (Libâneo, 1994). Dentro dessa perspectiva, é dever do docente desenvolver alternativas e estratégias didáticas, que despertem nos educandos, o interesse pela disciplina. Assim, as aulas em espaços não-formais contribuem propiciando estímulo aos alunos e, conseqüentemente, o exercício crítico de novos saberes. Lima; Assis (2005) destacam que

O trabalho de campo também se baseia na observação, permitindo ao aluno um olhar especial sobre os elementos da paisagem, fundamentado numa teorização prévia, o que lhe dá autonomia diante da produção do conhecimento, despertando o senso crítico e investigativo. Ademais, outros valores de grande relevância são acrescidos, como cooperação nas realizações de trabalhos em equipe, gosto pelo estudo e pela investigação pessoal, desenvolvimento da sociabilidade e da fraternidade, melhorando as relações professor-aluno e aluno-aluno (Lima; Assis, 2005, p. 109).

A atividade em campo é instrumento histórico na ciência geográfica, tendo como exemplo as viagens realizadas por La Blache e por seus discípulos, Lucien Gallois e Emmanuel de Martonne. O método foi amplamente utilizado por La Blache como ferramenta de observação de regiões e, contribuiu como mecanismo de reconhecimento do espaço regional para ações integrativas dos aspectos físicos, humanos e econômicos, que se propagaram no mundo (Carneiro, 2009).

Em oposição a essa abordagem descritiva da Geografia, surge o movimento de renovação, iniciado no Brasil na segunda metade do século XX, motivado pela necessidade de superar a ênfase na descrição, método central da Geografia Tradicional, que se revelou inadequado pela ineficiência em abordar a complexidade do espaço geográfico. Dessa forma, a Geografia Crítica intensificou a discussão e atribuiu maior importância ao trabalho em campo, por reconhecer seu potencial de contextualização. Esse método é considerado instrumento crucial, por proporcionar aos alunos compreensão mais profunda e crítica do significado do espaço vivido, além de uma apreciação das contradições espaciais presentes. A esse respeito Justen-Zancarano; Carneiro (2012) defendem que

Uma das características que tornam as atividades de campo essenciais é o fato de proporcionarem contato direto com o meio,

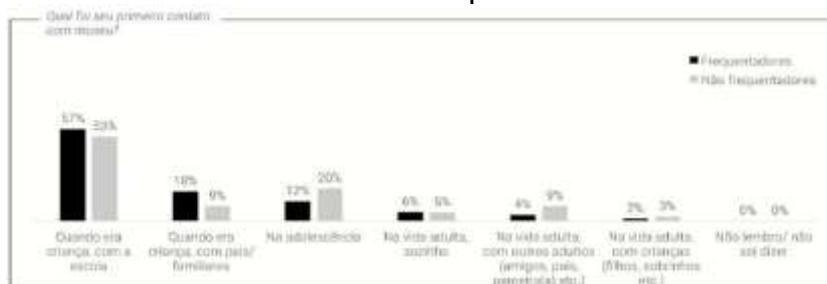
permitindo que o aluno conceba o ambiente não fragmentado e a interação dos fenômenos, de modo a distinguir as relações que ali existem e se efetivam (Justen-Zancarano; Carneiro, 2012, p.52).

Atualmente, um dos destinos utilizados pelos professores em aulas de campo são os espaços museológicos, fazendo com que o maior público dos museus brasileiros em números seja composto por turmas escolares (Costa; Tolentino, 2024). A motivação se dá pelo movimento da Nova Museologia, a partir dos anos 1960, e pela necessidade de cumprimento do currículo escolar, havendo aproximação significativa entre os museus e as escolas. Os espaços museológicos podem ser 'mágicos', pois, objetos, documentos, pinturas e imagens fazem parte de exposições e são transformados em itens de análise e problematização, materializando o contexto histórico e preservando a realidade de uma época, de um costume e de uma cultura. A esse respeito, Carvalho (1998) afirma que

[...] a verdadeira função didática da escola e dos museus não é a de dar todos os conhecimentos, mas desenvolver o espírito analítico e pesquisador no estudante. É a verdadeira práxis libertadora, a educação através da conscientização e reflexão (Carvalho, apud, Nascimento, 1998, p. 15).

Uma pesquisa realizada pela Oi Futuro, instituição que desenvolve editais, programas e projetos promovendo ações estruturantes e de impacto social nas áreas de Educação, Inovação Social e Cultura, detectou que 55% dos entrevistados, tiveram o primeiro contato com espaços museais em excursões da escola, como mostra o gráfico da Figura 1.

Figura 01 - Questão: Qual foi o seu primeiro contato com museu?



Fonte: Oi Futuro - Pesquisa quantitativa (base: 300 frequentadores e 249 não frequentadores de museu, 2019).

Diante deste tema, a inspiração para pesquisa que subsidiou este artigo surgiu por meio da experiência profissional desenvolvidas pelas autoras, vinculadas a educação museal, onde nos atendimentos a diversos grupos escolares, pode-se

perceber o 'brilho' no olhar, o encantamento e o interesse dos estudantes pelos assuntos abordados, algo difícil de se ver de modo frequente em sala de aula. Um desses momentos foi captado (Figura 2) no dia em que uma turma da Escola Art & Manha visitava as exposições do Museu da Indústria.

Figura 02 - Visita de alunos ao Museu da Indústria



Fonte: Redes sociais do Colégio Art & Manha (2022).

Essa percepção despertou o interesse em aprofundar este assunto, com a finalidade de trazer contribuições para os professores de Geografia que desejam realizar aulas de campo em museus, tendo em vista que, também, foi observado ocasiões de desorganização nas visitas e que poderiam ter sido evitadas se houvesse planejamento minucioso da aula. Assim, o presente artigo contextualiza a relação entre museu e escola, sugerindo uma sequência de planejamento, de modo a evitar possíveis problemas na aula e, por fim, evidencia museus na cidade de Fortaleza/CE, considerando alguns fatores: realização de mediações educativas, diálogo com conteúdo geográficos, acesso gratuito e acessibilidade.

A metodologia adotada neste estudo se fundamentou em pesquisa exploratória, cujo propósito, conforme definido por Gil (2008), é proporcionar a compreensão mais aprofundada de tal problemática, buscando torná-la mais evidente e construir hipóteses descritivas. Isso se alinha ao interesse em destacar a utilização de museus como recurso didático-pedagógicos nas aulas de Geografia.

1 MUSEUS, DE ONDE E PARA QUE?

A palavra Museu é de origem grega - *museion* - significa residência das musas, das nove filhas de Zeus e Mnemósine, a deusa grega guardiã da memória. As musas eram preservadoras da memória e cantavam com o intuito de manter a

lembrança viva, representavam a compilação de todo conhecimento, das ciências e da memória, personificação do imaginário que se tem sobre museus atualmente.

Entretanto, por muito tempo os museus eram vistos como locais onde se armazenavam objetos velhos e exclusivos para a elite econômica. Esses estereótipos não existem por acaso, tendo em vista o histórico desses espaços no mundo. Sua origem está relacionada diretamente aos hábitos de colecionar utensílios, prática comum a todas as civilizações já existentes. O ato de guardar esses objetos está relacionado à curiosidade, à vaidade e/ou à necessidade de manter viva a memória de um determinado povo. De forma resumida, baseado no trabalho de Bauer (2014), apresenta-se uma linha do tempo a respeito do surgimento e desenvolvimento dos museus:

- Pré-história - Há indícios de que o homem produzia e colecionava artefatos de acordo com as suas necessidades e associações pessoais ou coletivas, condição, deduzida em escavações arqueológicas, junto às câmaras funerárias;
- Antiguidade - Os gregos criaram espaços conhecidos como *mouseion* com o intuito de reunir oferendas aos deuses, artefatos e objetos de valor cultural. O *mouseion* era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado para o saber filosófico. Tendo exemplo, o Museu de Alexandria, instituição que reunia estátuas de filósofos, objetos astronômicos e cirúrgicos;
- Império Romano - Os romanos proviam suas coleções por meio de despojos de batalhas e de saques ou compras, os objetos eram ostentados em festas, cerimônias, cortejos fúnebres e desfiles de coroação. Durante este Império surgiram as primeiras construções, pensadas a fim de organizar e expor ao olhar do público, os objetos colecionados, demonstrando, dessa forma, a riqueza e a fineza com caráter ilustrativo de poder e de força exercidos sobre os inimigos;
- Renascimento - Nesse período há o ressurgimento do interesse pela arte e pela ciência. Os colecionadores começaram a organizar grandes coleções em três categorias, de acordo com as suas funções de uso: cerimonial, religioso e profano. A visitação a esses acervos era restrita ao círculo social a que seus donos se inseriram. Ainda nesse período, apareceram pela Europa os Gabinetes de Curiosidades e as coleções científicas, formadas por estudiosos que buscavam simular a natureza em gabinetes, reunindo grande quantidade de espécies de variadas naturezas e procedências.

- Iluminismo - Movimento que impulsionou o conhecimento, a racionalidade e a educação e foi essencial no desenvolvimento de museus mais organizados e acessíveis ao público. Pode-se citar como exemplo, o Ashmolean *Museum* de Oxford, que foi o primeiro museu a disponibilizar suas coleções aos estudiosos.
- Revolução Francesa - Quando surge a percepção atual de museu, momento em que, por meio de decretos e instruções, foram adotados procedimentos de preservação do patrimônio nacional, com a montagem de aparato jurídico e técnico. No ano de 1791, as assembleias revolucionárias propuseram à Convenção Nacional - que aprovou no ano seguinte, a criação de quatro museus que objetivavam explicitamente o caráter político e o seu serviço à sociedade: Museu do Louvre, Museu dos Monumentos, Museu de História Natural e Museu de Artes e Ofícios, todos voltados ao desenvolvimento do pensamento científico.
- Século XIX - Neste século, testemunhou-se o estabelecimento de muitos museus nacionais e especializados em todo o mundo. Com o advento do nacionalismo, a ideia de museus como instituições educacionais e culturais se fortaleceu, devido ao fato de que os museus influenciavam fortemente no processo de consolidação da identidade e da memória nacional.
- Século XX - Na década de 1920, os museus passaram a dispor da função de amparar o patrimônio cultural e consolidar o estatuto profissional de conservador e, somente a partir da década de 1960, com o movimento da nova museologia, a função educativa dos museus ganhou destaque. Enquanto, no século XXI, em 24 de agosto de 2022, o Conselho Internacional de Museus (ICOM), durante sua Conferência Geral, em Praga, após amplo debate definiu museu como

[...] uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (ICOM, 2022, s/p).

No Brasil, o regramento que normatiza os museus é a Lei Federal nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus e traz como definição o seguinte texto.

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (Brasil, Lei nº 11.904/2029, Art. 1º).

Nesse sentido, há concordância com as definições nacional e internacional, quanto a importância dos museus, pois, desempenham função vital na preservação da cultura e na promoção do conhecimento, abrangendo ampla variedade de temas e formatos, desde os tradicionais museus de arte, até os museus de ciência, de história e de tecnologia e com a condição de ser acessível a todos os interessados.

No contexto atual, percebe-se interesses da comunidade escolar em acessar essas instituições, pois possibilitam a conexão entre a teoria e a prática. Assim, os alunos saem do ambiente habitual e ocluso, sala de aula, e têm contato com algo tátil e convidativo. Há, portanto, vantagens pedagógicas nessa parceria entre escolas e museus, pois o contato direto com esses espaços expositivos contribui para a facilitação da aprendizagem e construção crítica de opiniões, o que é imprescindível na formação ética e cognitiva de crianças e jovens.

2 GEOGRAFIA E MUSEUS, UMA PARCERIA NECESSÁRIA

Atualmente os professores de Geografia carregam o estereótipo de ser o principal autor das aulas em campo e não se restringe à educação básica, tendo em vista que boa parte dos ônibus disponibilizados pelas universidades públicas para essas aulas são utilizados pelas turmas do curso de Geografia. E não poderia ser diferente, a ciência geográfica tem como objeto de estudo o espaço geográfico e necessita da parceria entre teoria e prática. E “O trabalho de campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido” (Lima; Assis, 2005, p. 112). A esse respeito Falcão (2016) explica que

[...] os primórdios da Geografia têm os trabalhos de campo, como partes fundamentais do método de trabalho dos geógrafos, pois a sistematização da Geografia foi embasada, principalmente, por viajantes naturalistas, que contribuíram com mananciais de informações essenciais para a construção das bases desta ciência (Falcão, 2016, p. 1239).

Dentre os variados destinos que podem ser utilizados nas aulas em campo, destacam-se os Museus como um potente local a se trabalhar diversos conteúdos já abordados em sala de aula, associando a teoria à prática e desenvolvendo no aluno, a sensibilidade crítica, pois eles passam a analisar e interpretar em um objeto e/ou imagem, temas, trajetórias, culturas e histórias do meio social. Os estudantes certamente irão explorar seu intelecto e, dependendo da sua satisfação com a experiência, trazer posteriormente seus amigos e familiares a esses espaços.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) destaca a importância da abordagem contextualizada e interdisciplinar do ensino e encoraja práticas pedagógicas que promovam a conexão entre os conteúdos escolares e a realidade dos estudantes. Estabelece, também, como um dos fundamentos pedagógico gerais da educação básica “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, BNCC/1017, p.09). O documento expõe que os museus devem ser ambientes educativos e indica que

É importante valorizar e problematizar as vivências e experiências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, da escuta e de falas sensíveis, nos diversos ambientes educativos (bibliotecas, pátio, praças, parques, museus, arquivos, entre outros). Essa abordagem privilegia o trabalho de campo, as entrevistas, a observação, o desenvolvimento de análises e de argumentações, de modo a potencializar descobertas e estimular o pensamento criativo e crítico (Brasil, BNCC/2017, p. 355).

Enquanto, nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Básica: diversidade e inclusão é evidenciado a obrigação com conhecimentos de dimensão global e deve ocorrer a partir do cuidado em educar e, quando possível, a escola deve conseguir

Viver situações práticas a partir das quais seja possível perceber que não há uma única visão de mundo, portanto, um fenômeno, um problema, uma experiência podem ser descritos e analisados segundo diferentes perspectivas e correntes de pensamento, que variam no tempo, no espaço, na intencionalidade (Brasil, DCN/2013, p. 41).

Logo, as aulas de campo em museus se mostram uma ótima opção para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando conexões mais profundas com conteúdos curriculares de Geografia. Entretanto, para alcançar

os resultados esperados, é necessário que as escolas desassociem os museus a um espaço de lazer, ou a um simples ponto turístico que a cidade dispõe e, que os docentes realizem um planejamento cuidadoso e completo. Neste sentido

É imprescindível que os responsáveis façam um bom planejamento para as aulas de campo, pois embora isso exija tempo para a sua elaboração, dele muito dependerá o sucesso ou insucesso do trabalho realizado, além de contribuir para a utilização racional e eficiente dos recursos, sejam eles oriundos do setor público ou privado (Corrêa, 2015, p. 36)

De acordo com o Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM/CE), até o dia 30 de junho de 2023, existiam 78 museus cadastrados, desses, 25 se localizam na cidade de Fortaleza, tais museus com diversos temas e possibilidades de conhecimento. No mundo ideal, a organização desse tipo de atividade deve iniciar logo no começo do ano letivo com o planejamento pedagógico.

Para a escolha do local para realização da aula de campo, é necessário que o professor atente para locais que proporcionem aos alunos práticas e reflexões que os levem à compreensão da realidade (Corrêa, 2015). Assim, cabe ao professor pesquisar e escolher os museus, considerando as temáticas a serem trabalhadas no decorrer do ano de cada série. Nesse sentido, sugere-se que sejam programadas quatro visitas de modo anual, preferencialmente, uma a cada bimestre. Entretanto, caso não seja viável, pelo menos uma visita em algum museu certamente fará a diferença na vida desses estudantes.

O momento da escolha é importante, pois devem ser observados outros pontos, além do conteúdo exposto no Museu. A logística merece especial atenção na hora da tomada de decisão, pois, as dificuldades em conseguir transporte, principalmente, no contexto das escolas públicas é real. Logo, deve ser analisada a distância entre a escola e o local e as condições do percurso. Não se pode, também, esquecer de avaliar se o local escolhido dispõe de acessibilidade para pessoas portadoras de deficiências, a fim de tornar a experiência agradável para todas as pessoas. A acessibilidade em museus, por sua vez, significa

A garantia de percursos sem dificuldades a todos os espaços de um museu, a todas as suas exposições e a todas as pessoas, em todos os momentos. Significa que os usuários possam verdadeiramente percorrer, ver, ouvir, sentir e tocar os objetos e atividades expostas (Cohen; Duarte; Brasileiro, 2012, p. 88).

Após a prévia escolha dos equipamentos a serem visitados, é ideal que o professor vá ao local para entender o funcionamento do espaço. Nessa visita antecedente, é interessante que o docente converse com um dos educadores do equipamento, disposto a compreender as ações educativas utilizadas, os conteúdos que são abordados nas exposições e as regras do local.

O docente deverá distribuir cuidadosamente essas aulas de campo em seu calendário acadêmico, de forma que não colida com eventos escolares e feriados, levando em consideração a aproximação dos conteúdos programáticos com os expostos nos museus e os dias de funcionamento dos equipamentos. O horário também tem que ser bem pensado, tendo em mente possíveis atrasos, horário de funcionamento do equipamento e distância da escola para o museu escolhido.

A quantidade de alunos a visitarem esses espaços é outro detalhe importante, pois há fatores que podem influenciar na escolha, como a quantidade máxima de visitantes permitida pelo equipamento e o número de pessoas que o transporte escolhido comporta. Normalmente a média é de 40 a 45 estudantes, não devendo ultrapassar esse limite para evitar o risco de problemas operacionais e pedagógicos.

Uma possibilidade interessante é a presença de outros professores de disciplinas diferentes estarem presentes na aula de campo para uma parceria interdisciplinar. Assim, vários assuntos poderão ser abordados na mesma aula, contribuindo para que o aluno compreenda a relação existente entre as disciplinas e tenha percepção mais ampla da atividade e do ambiente.

Após a definição assertiva desses detalhes, o professor deve entrar em contato com os equipamentos para realizar o agendamento com bastante antecedência, tendo em vista a alta demanda que esses locais normalmente têm. Esse momento pode até parecer simples, mas deve ser feito com total atenção, pois é por meio das informações passadas que será alcançado um atendimento personalizado para a demanda indicada. Para utilizar como exemplo, foram organizadas perguntas em formulário de agendamento do Museu Ferroviário Estação João Felipe, localizado em Fortaleza/CE. No Quadro 1 são indicados alguns procedimentos de preenchimento de formulário de aula em museu.

Quadro 1 - Formulário de agendamento do Museu Estação João Felipe

Informações	Dicas de preenchimento	Exemplos
Responsável pela visita	O responsável pela visita normalmente é o professor que está acompanhando a turma, é ele que será contactado caso ocorra algum problema.	Profª Maria Silva
Endereço de e-mail	Deve ser preenchido com o e-mail pessoal ou institucional. É importante que o responsável tenha acesso diariamente ao e-mail.	mariasilva@escolasb.com
Número de telefone	Dê preferência ao número vinculado ao WhatsApp, pois dessa forma a comunicação se torna mais rápida.	(85) 9 0001-0101
Nome da Instituição, escola ou grupo	Atente-se a escrever corretamente o nome da escola.	Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof. Soares Bonfim
Série, ano ou nível escolar médio do grupo	Especifique a série da turma. A resposta pode ser complementada com a faixa etária dos estudantes.	1º ano do Ensino Médio Entre 15 e 16 anos
Endereço completo	Coloque o endereço completo da escola, incluindo CEP e cidade. Esses dados são importantes para o núcleo educativo do museu entender o contexto social da turma e para mapear as localidades atendidas.	Rua João e Maria, Nº123 - CEP: 60.123-45. Fortaleza/CE
Número de visitantes	Atente-se ao limite de visitantes do equipamento escolhido e não o ultrapasse, pois isso implica diretamente no atendimento. Lembre-se que esse número equivale, não só aos estudantes, mas aos professores que acompanharão. Com essa informação, o núcleo educativo da instituição decidirá se é necessário ou não a divisão da turma para o melhor atendimento.	45 pessoas
O grupo requer algum recurso de acessibilidade? qual?	Lembre-se de conferir se na turma há Pessoa com Deficiência (PCD), caso tenha, solicite o recurso necessário.	Sim, 03 abafadores para estudantes com autismo
Foco da visita	Essa pergunta é uma das mais importantes a serem respondidas, pois através da sua resposta o núcleo educativo do museu irá preparar um percurso específico que atenda a sua demanda. Lembre-se de que o foco da visita deve se relacionar com o conteúdo trabalhado em sala de aula. É interessante informar também qual a área de conhecimento trabalhada.	Exposição "Nos trilhos do tempo - Histórias sobre a ferrovia no Ceará". Pretende-se entender melhor sobre a relação da ferrovia com os ciclos do algodão e café no final do séc. XXI e início do séc. XX e sobre os impactos ambientais decorrentes da lenha extraída para abastecimento das locomotivas. Gostaríamos que a mediação fosse feita através de uma ótica geográfica, disciplina na qual os estudantes estão inseridos.
Observações	Utilize esse espaço para detalhar sobre a sua visita ou até mesmo fazer solicitações.	Solicitamos um espaço para lanche no final da visita, se possível.

Fonte: Organizado pelas autoras (2023).

Cada museu terá sua própria forma de agendamento, alguns por meio de formulário, outros diretamente por e-mail ou via telefone. Entretanto, normalmente são solicitadas as mesmas informações especificadas no Quadro 1. Porém, deve-se ficar atento ao preenchimento e detalhar bem as informações para o preparo prévio do núcleo educativo do museu, após a realização desses processos, aguarde a confirmação do agendamento.

Sobre o meio de transporte, o mais utilizado, e, talvez, o mais viável é o ônibus, pois comporta um número maior de pessoas. Logo, após a confirmação do agendamento, é interessante que o professor já solicite e envie o ofício ao órgão

responsável, no caso das escolas públicas. Já sobre escolas particulares, deve-se fazer a cotação com empresas privadas confiáveis para a realização desse serviço.

Detalhe importante, que não se pode esquecer, é das autorizações de saída dos alunos da escola, sobretudo, quando se trata de público infantil ou juvenil. No documento deverá conter o objetivo da aula em campo, local a ser visitado, com o endereço completo, data que ocorrerá e horário de saída e de retorno. A solicitação de autorização deve ser entregue ao estudante, que levará aos seus responsáveis, para a permissão de saída da escola, com no mínimo, uma semana de antecedência do dia da aula. O professor deve armazená-las adequadamente. Alunos que não trouxeram, não deverão, em hipótese alguma, ir à campo.

Ao saberem da ida a um Museu, certamente os discentes ficarão ansiosos por esse momento, tomados por expectativas e curiosidades, sendo necessária maior socialização sobre o que será visto para amenizar esses sentimentos. Além de trabalhar os assuntos teóricos a serem abordados no Museu, o professor deve esclarecer em sala de aula o objetivo da aula de campo, o cronograma da atividade e as normas do espaço a ser visitado.

Não se deve perder a oportunidade de desmistificar a ideia de que museu é um local inacessível ou de coisas velhas. A conversa sobre a aula em campo pode ser iniciada perguntando à turma quem já acessou espaços museológicos e o que acham sobre eles. Posteriormente, o conceito de museu deve ser inserido, para destacar que são recortes históricos importantes para a manutenção da memória de uma sociedade e, que é dever de cada um, valorizá-los e preservá-los.

Como recurso complementar, pode ser feitas reflexões, por meio da música do cantor Chico César, intitulada 'Museus', a qual, de uma forma poética, traz imaterialidade, o intangível, um sujeito museu com desejo de ser visitado, pois o museu é seu mundo e sua experiência cotidiana, e está aberto para visitação (Sganzerlla; Carvalho, 2021).

A aula de campo não termina após a visita ao museu, pois é preciso dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem. Após a realização da aula de campo é indispensável a socialização e verificação da aquisição de aprendizado. Ou seja, é necessário que

[...] sejam adotados os seguintes procedimentos: avaliação da aula de campo pelos participantes, preparação para socialização do que

foi trabalhado em campo, socialização sobre os temas vivenciados *in loco* através de apresentação de seminários, avaliação da aprendizagem e apresentação dos resultados aos participantes envolvidos no processo (Corrêa, 2015, p. 59).

O manual de visitas do Museu de Arte da Universidade do Ceará faz sugestões práticas do que pode ser feito na pós visita e indica alguns pontos, como:

- 1 Em sala de aula, converse sobre a experiência de visitar um museu;
- 2 Proponha atividades como, por exemplo: montagem de exposições, elaboração de redações, relatórios de visitas, criação ou releitura de obras vistas;
3. Monte painel fotográfico, virtual ou físico, com imagens do grupo durante a aula, de forma que todos possam ter acesso.

São muitas as possibilidades de atividades após a aula em campo, a ideia de se fazer uma exposição é interessante, pois os estudantes podem experienciar algo novo que dialoga diretamente com a experiência vivida no museu. Outra opção é a realização de seminários sobre a temática vista, a fim de que os estudantes socializem suas experiências, e que o professor avalie se os objetivos iniciais foram alcançados. Entretanto, não há fórmula padronizada sobre o que se deve fazer após a aula, a inspiração deve partir da criatividade do docente, ressaltando sua importância, visto que é essencial para tornar a experiência completa.

3 ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS EM FORTALEZA/CE

A fim de sugerir espaços museológicos para a realização das aulas de campo de Geografia, realizou-se análises sobre o Boletim do Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM/CE), de 2022 e 2023, e foram escolhidos três museus de Fortaleza/CE, levando em consideração os fatores: (1) possuir núcleo educativo ativo e realiza mediações; (2) ser gratuito; (3) possuir recursos de acessibilidade para as pessoas portadoras de deficiências e ; (4) deter conteúdos relacionados à Geografia (de modo que possam dialogar com os conteúdos programados da disciplina de Geografia, do ensino fundamental II e ensino médio).

De posse das informações, houve a análises de forma qualitativa, procurando coletar dados sem a necessidade de medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar as questões de pesquisa. Nesse sentido, os locais escolhidos foram brevemente contextualizados e foram disponibilizadas informações para o agendamento de visitas. Vale ressaltar, que algumas exposições são de caráter

temporário, ou seja, podem deixar de ser expostas a qualquer momento, logo, se faz necessário a confirmação antes do agendamento.

• Museu Ferroviário Estação João Felipe

O Museu Ferroviário Estação João Felipe faz parte da Rede Pública de Equipamentos Culturais, da Secretaria da Cultura do Ceará (SECULT/CE), e é um equipamento sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe itens do patrimônio ferroviário do Ceará, em suas dimensões material e imaterial, com fins socioeducativos, de pesquisa, turismo e entretenimento. Foi inaugurado no início de 2023 com duas exposições de curta duração, intituladas ‘Ferrovia em miniatura: Memórias das Oficinas do Urubu’ e ‘Memórias da Estação’, que já foram finalizadas. O Quadro 2 apresenta as principais informações para o agendamento das visitas, além de conteúdos geográficos que podem ser trabalhados no Museu.

Quadro 02 - Informações sobre o Museu Ferroviário Estação João Felipe

<p>Museu Ferroviário Estação João Felipe</p>	 <p>Fonte: Thiago Matine/Divulgação Estação das Artes (2023).</p>
<p>Endereço:</p>	<p>Rua Dr. João Moreira, 540, Centro. CEP: 60030-000</p>
<p>Contatos:</p>	<p>museuferroviario@institutomirante.org - (85) 98209-4919</p>
<p>Horários de funcionamento:</p>	<p>Quinta a sábado, 12h às 20h e domingo, 10h às 18h</p>
<p>Canal de agendamento:</p>	<p>https://calendar.app.google/n54UARLcVA2mVHFv8</p>
<p>Conteúdos geográficos:</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento econômico do Ceará - Surgimento de cidades a partir da ferrovia - As secas no Ceará - Impactos ambientais da ferrovia - Impactos sociais da ferrovia - Produção do café e algodão
<p>Acessibilidade:</p>	<p>No espaço há banheiros adaptados, rampa de acesso, sinalização tátil, cadeira de rodas para uso do visitante, sanitários adaptados, abafadores e profissionais sinalizantes de libras. Além disso, o Museu desenvolveu um aplicativo no qual o visitante poderá utilizar por meio de tablets disponibilizados ou no seu próprio celular, caso prefira. Esse aplicativo consegue ler os qrcode's que estão espalhados nos painéis expositivos e o visitante terá acesso aos textos da exposição em libras e audiodescrição. A exposição, também, conta com objetos táteis que podem ser tocados pelos visitantes.</p>

Fonte: Organizado pelas autoras (2023).

Atualmente, o Museu conta com exposição de longa duração: ‘Nos trilhos do tempo. Histórias da ferrovia do Ceará’, que fica localizada ao lado da Pinacoteca

do Ceará. A exposição é composta por objetos remanescentes do antigo Museu do Centro de Preservação da História Ferroviária do Ceará, além de fotografias dos séculos XX e XXI e cenários ilustrativos que mexem com a imaginação dos visitantes. Nesse espaço são oferecidos atendimentos de pesquisa para interessados na temática ferroviária e visitas mediadas para grupos a partir de cinco pessoas, mediante agendamento prévio.

Além da exposição que está em cartaz, são oferecidas visitas ao prédio que atualmente se localiza no Complexo Cultural Estação das Artes, a qual, também, abrigou a antiga Estação João Felipe. A visita nesse museu a céu aberto, é composta por um percurso histórico, arqueológico e até artístico, que conta a história da ferrovia no Ceará com auxílio de elementos preservados no restauro desse prédio. A fim de facilitar a observação.

● **Museu da Indústria**

O Museu da Indústria é um equipamento gratuito vinculado ao Sistema da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), foi inaugurado em 2014 e tem como proposta valorizar e preservar as memórias do desenvolvimento da história industrial cearense, em espaço aberto aos novos tempos de inovação, tecnologia e conhecimento. A exposição 'Carnaúba - Árvore da vida', conta a história da planta, suas variadas formas de utilização e o papel no desenvolvimento do Ceará, desde a década de 1940, ficou em cartaz até março de 2024 e foi um grande exemplo de exposição multidisciplinar. A exposição contava, em painéis de imagens, textos, expositores e maquetes, a importância da carnaúba para o estado.

Após o encerramento desta amostra ficou disponível para visita, a exposição 'Eletricidade: história, memória e futuro do patrimônio energético no Ceará', que destaca em sua concepção, o aprendizado sobre as matrizes energéticas, a preservação do meio ambiente e como os consumidores e cidadãos, podem ser responsáveis e proativos com relação ao consumo de energia *versus* preservação ambiental. Retrata, ainda, um olhar para o amanhã, pois narra desde a chegada da energia elétrica no Estado, seu desenvolvimento local e as inovações com o hidrogênio verde. O Quadro 3 disponibiliza as principais informações para uma eventual visita.

Quadro 03 - Informações sobre o Museu da Indústria

Museu da Indústria	 <p>Fonte: Serviço Social da Indústria (SESI, 2023).</p>
Endereço:	Rua Doutor João Moreira, 143, Centro, CEP: 60030-000
Contatos:	museudaindustria@sfipec.org.br - (85) 3201-3900
Horários de funcionamento:	Terça a sábado, 09h às 17h e domingo, 09h às 13h
Canal de agendamento:	https://www.museudaindustria-ce.org.br/visita-agendada
Conteúdos geográficos:	<ul style="list-style-type: none"> - Patrimônio natural - Bioma Caatinga - Desmatamento - Industrialização - Impactos ambientais das fontes de energia - Energias renováveis
Acessibilidade:	O espaço possui banheiros adaptados e rampa de acesso. Os textos das exposições possuem tradução em braille. As duas exposições possuem elementos que podem ser tocados.

Fonte: Organizado pelas autoras (2023).

O prédio onde está localizado o Museu, foi construído em 1871 e já abrigou instituições, como, por exemplo, o primeiro Clube Social de Fortaleza, Sede dos Correios e Sede da Ceará Tramway, Light & Power. Também são oferecidas visitas mediadas ao próprio prédio, onde o foco é conhecer a sua arquitetura e seu contexto histórico.

• Museu da Cultura Cearense

O Museu da Cultura Cearense (MCC) é uma instituição gratuita que faz parte do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) e é vinculado à Secretaria de Cultura do Ceará. Esse museu foi inaugurado em 1999 e se dedica à preservação e promoção do patrimônio cultural do Ceará, com o propósito de abranger as esferas histórica, antropológica e etnográfica, visando impulsionar a disseminação e a apropriação da herança cultural do estado. O MCC realiza ações museológicas amplas, que incluem pesquisa, preservação, comunicação e educação.

Com mais de 25 anos, a exposição 'Vaqueiros', é o carro chefe do MCC, já atendeu mais de um milhão de pessoas. Porém, muitos cearenses ainda não conhecem essa exposição. Nela, encontram-se arreios, esporas, chapéus, estribos, chocalhos, luvas, ferros de marcar gado, gibão e objetos do dia a dia dos

vaqueiros, possibilitando as mais diversas reflexões sobre o complexo ofício do vaqueiro e sua relação com o meio ambiente, atestando a sua presença desde o Brasil Colônia. Além desta exposição MCC já elaborou outras exposições de curta duração e recebeu exposições itinerantes, tanto de origem nacional, quanto internacional. O Quadro 4 apresenta informações sobre a instituição.

Quadro 04 - Informações sobre o Museu da Cultura Cearense

<p>Museu da Cultura Cearense</p>	 <p>Fonte: Foto: Luiz Alves (2023).</p>
<p>Endereço:</p>	<p>Rua Dragão do Mar, 81, Praia de Iracema. CEP: 60060-390</p>
<p>Contatos:</p>	<p>marcia.bitu@idm.org.br - (85) 3488-8621</p>
<p>Horários de funcionamento:</p>	<p>Terça a domingo, 09h às 18h</p>
<p>Canal de agendamento:</p>	<p>https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeWemVPrpERvJhCT8Bug3TKIaHECv1_ap3U9g5Y7SJ5pAvNfiQ/viewform</p>
<p>Conteúdos geográficos:</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Povoamento do estado do Ceará - A religiosidade do sertanejo - As secas no Ceará - O bioma caatinga - A pecuária no Ceará - As charqueadas
<p>Acessibilidade:</p>	<p>O museu contém piso tátil, maquete tátil, desenhos táteis de imagens fotográficas, legendas e textos reflexivos em braille, audiodescrição de imagens e vídeos e vídeo sobre a exposição em libras. Além disso, há educadores capacitados para receber e orientar esses públicos.</p>

Fonte: Organizado pelas autoras (2023).

CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho contextualizou a aula de campo no ensino de geografia, especialmente, em espaços museológicos e constatou-se sua importância e eficácia para a contribuição do ensino de Geografia, e, por fim, sugeriu alguns museus de Fortaleza/CE para serem destinos dessas aulas, levando em consideração alguns aspectos como acessibilidade e gratuidade.

É visível a existência de barreiras e dificuldades que surgem durante todo o processo de planejamento e/ou aplicação de uma aula de campo em museus, tais como: ausência de recursos e transporte, grandes números de estudantes por turma, falta de apoio da direção escolar, indisciplina dos alunos, conflito de agendas e atrasos. Por outro lado, diversos trabalhos sobre o assunto apontam que, apesar

dessas barreiras, é possível encontrar alternativas para organização e viabilidade das aulas de campo por meio de planejamento minucioso, aproveitando-se das potencialidades que esse recurso pode proporcionar.

Tais potencialidades podem ser observadas na empolgação e no 'olhar curioso' dos estudantes ao visitarem espaços museais, assim como a facilidade de fixação dos conteúdos trabalhados na aula. Logo, as escolas não devem tratar essas visitas como eventos especiais ou como atividades recreativas, mas sim, incorporar em seu planejamento anual.

A curto prazo, as aulas em campo em museus como alternativa didático-pedagógica podem parecer representar pouco, mas certamente ao longo dos anos e com estímulos necessários, irão fomentar a construção de sensibilidade cultural e um olhar cuidadoso a esses locais de preservação da memória. O processo que envolve o antes, durante e depois das aulas em museus, promoverá práticas educativas individuais e coletivas, possibilitando o estudo da Geografia de forma dinâmica e interativa no ambiente escolar e externo.

Partindo desse contexto, entende-se que esses espaços, quando são visitados por alunos, possibilitam a conexão entre teoria e prática, fazendo com que esses estudantes encontrem nas aulas em campo, nova forma de enriquecer o seu repertório acadêmico, visto que terão acesso a um ambiente que torna mais tangível aquilo que já é visto em sala de aula. Essas aulas coletivizam a introdução a espaços que, por muitas vezes, para eles são desconhecidos.

A viabilidade do ensino da Geografia, utilizando-se de aulas de campos em museus como uma alternativa didático-pedagógica, se dá a partir do momento que, constata-se como uma nova forma de experienciar a educação geográfica fora do ambiente escolar, utilizando-se elementos visíveis e tangíveis. Logo, conclui-se que as aulas de campo em espaços museais, podem ser ótima alternativa para fomentar o interesse dos estudantes da educação básica pela ciência geográfica, e, ainda, trabalhar com a interdisciplinaridade e o ensino crítico. Além disso, as aulas de campo em museus promovidas por escolas, são excelentes opções para os estudantes terem uma formação ampla e não apenas conteudista.

Salienta-se, ainda, que essas aulas são, muitas das vezes, a primeira oportunidade dos estudantes terem contato com espaços museológicos, portanto, destaca-se o papel da escola de apresentar esses locais à comunidade escolar, já

que no Brasil não há uma cultura de valorização de museus constituída e continuada. Assim, é perceptível o retorno desses estudantes aos museus, acompanhados de amigos e familiares. Com isso, além do conhecimento geográfico, é incentivado e democratizando o acesso à cultura e o direito à cidade.

REFERÊNCIAS

BAUER, J. E. A Construção de um Discurso Expográfico: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner (TCC). UFSC: Florianópolis, SC, 2014. 117 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/121979>. Acesso em: 27 jan. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**/Organizado por Clélia Brandão Alvarenga Craveiro e Simone Medeiros. – Brasília: Conselho Nacional de Educação: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013. 480 p. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/etnico_racial/pdf/diretrizes_curriculares_nacionais_para_educacao_basica_diversidade_e_inclusao_2013.pdf. Acesso em: 27 jan. 2024

BRASIL. **Lei nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 27 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. 600p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

CARNEIRO, V. A. **Concepções de trabalho de campo e ensino de Geografia nas licenciaturas do sudeste goiano**. 2009. 272 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/3782dd6a-27de-4460-84d6-e3f416fa50db/full>. Acesso em: 27 jan. 2024.

CARVALHO, I. Museus didáticos comunitários: fortalecimento da identidade cultural e sua função social hoje. [s.l.]. [s.d.], p.4. (mimeo.). In: NASCIMENTO, R. **O objeto museal, sua historicidade**: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu. 1998. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação). ULHT, Universidade Federal da Bahia, 1998.

COHEN, R; DUARTE, C. R. S; Brasileiro A. B. H. Acessibilidade a Museus. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. Vol. 2, **Cadernos Museológicos**. 190 páginas, ISBN 978-85-63078-19-3. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/acessibilidade_a_museu_miolo.pdf. Acesso em: 27 jan. 2024.

CORRÊA FILHO, J. J. Aula de campo: como planejar, conduzir e avaliar? 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COSTA, M; TOLENTINO, Á. Educação Museal: Relações e Interconexões possíveis. IPHAN, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26413?locale=pt_BR. Acesso em: 27 jan. 2024.

FALCÃO, C. L. da C. A Obra de Goethe e o Viajante Naturalista Humboldt: Á Prática Científica do Trabalho de Campo. **Ciência E Natura**, 38(3), 2016. 1238–1245. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/view/20062>. Acesso em: 27 jan. 2024. <https://doi.org/10.5902/2179460X20062>.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Boletim do sistema estadual de museus do Ceará, 2023. Fortaleza/CE, 2022 e 2023. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/sistema-estadual-de-museus-do-ceara/>. Acesso em: 26 jan. 2024.

ICOM. Conselho Internacional de Museus. **Nova Definição de Museu**. 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776#:~:text=%E2%80%9CUm%20museu%20%C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,a%20diversidade%20e%20a%20sustentabilidade. Acesso em: 26 jan. 2024.

JUSTEN-ZANCANARO, R.; CARNEIRO, C. D. R. Trabalhos de campo na disciplina Geografia: estudo de caso em Ponta Grossa, PR. Terra, Campinas, SP, v.9, p.49-60, 2012. Disponível em: <https://www.ige.unicamp.br/terrae/V9/PDFv9/Trabalhos%20de%20campo.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

LACOSTE, Y. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Ed. 15a. São Paulo: Papyrus, 2009.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. (Coleção magistério. Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994, 263 p.

LIMA, V. B; ASSIS, L. F. de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, Sobral, v. 6/7, n. 1, p. 1-14, 2004/2005. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/125>. Acesso em: 20 mar. 2024.

OI FUTURO. **Pesquisa de Tendências: Narrativas para o futuro dos museus**. Disponível em: <https://oifuturo.org.br/pesquisa-museus-2019/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SGANZERLLA, S; CARVALHO, D. F. Entendimentos sobre museus a partir de músicas brasileiras. **Museologia & Interdisciplinaridade**, 10(20), 228–248, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/37623>. Acesso em: 27 jan. 2024. Doi: <https://doi.org/10.26512/museologia.v10i20.37623>.